

A Esfera do Nós: Gadamer e o Jogo Dialógico

[The Sphere of We: Gadamer and the Dialogic Game]

Listhiane Pereira Ribeiro*; Cezar Luis Seibt**

Resumo: Fundamentados em *Verdade e Método I e II*, apresentamos, nesse artigo, a concepção gadameriana da linguagem no jogo dialógico. Inspirado em clássicos como Platão, Aristóteles e Heidegger tardio, Hans-Georg Gadamer desenvolveu a Hermenêutica Filosófica como uma nova perspectiva para o compreender (*Verstehen*), já não a partir da noção de método, mas como um jogo entre o movimento da tradição e do intérprete. Assim, entende-se que o ser humano está em uma situação, é sustentado por preconceitos e possui, por isso, um horizonte de sentido, uma perspectiva da realidade, embora sempre provisória e limitada. Gadamer destacou o lugar do ‘*entre*’ como o verdadeiro local da hermenêutica. Sendo um defensor do diálogo, é central em suas obras a construção de um sentido comum, do acordo, sendo a ‘boa vontade’ e a solidariedade atitudes cruciais.

Palavras-chave: Linguagem. Interpretação. Preconceito. Jogo dialógico.

Abstract: Based on *Truth and Method I and II*, we will present, in this article, the Gadamerian conception of language in the dialogic game. Inspired by classics such as Plato, Aristotle and the later Heidegger, Hans-Georg Gadamer developed Philosophical Hermeneutics as a new perspective to understanding (*Verstehen*), no longer based on the notion of method, but as a game between the movement of tradition and interpreter. Thus, it is understood that the human being is in a situation, is supported by prejudices and has, therefore, a horizon of meaning, a perspective of reality, although always provisional and limited. Gadamer highlighted the place of the ‘*between*’ as the true place of hermeneutics. As a defender of dialogue, the construction of a common sense, of agreement, is central to his works, with ‘good will’ and solidarity being crucial attitudes.

Keywords: Language. Interpretation. Preconception. Dialogical Game.

*Doutoranda em Psicologia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Psicologia e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Mestre em Ciências Sociais pela PUC-MG. Psicóloga do Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ribeirão das Neves. E-mail: listhiane.ribeiro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5079-5989>.

**Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: cezluse@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0166-0919>.

Introdução

Na esteira de Aristóteles, Gadamer (2002A, p. 173) menciona que “o homem é um ser dotado de linguagem”. Soa trivial, mas o que isso implica é a possibilidade de “pensar o comum”, “tornar visível, pela fala, algo ausente, de tal modo que também um outro possa vê-lo” (GADAMER, 2002A, p. 173).

A oportunidade de compartilhar é propícia para que nos deparemos com familiaridades e estranhezas; afinal, ainda que possamos nos aproximar da compreensão do universo alheio, trata-se de outro mundo, diverso do nosso em situação hermenêutica, horizonte histórico, perspectivas, interpretações, condições de um modo geral.

Partindo de *Verdade e Método I e II*, apresentaremos nesse artigo, brevemente, a Hermenêutica Filosófica desenvolvida por Hans-Georg Gadamer e sua concepção de linguagem no jogo dialógico.

1 Hermenêutica

A palavra “hermenêutica” surgiu no final do século XVIII, anterior à ciência moderna. Utilizada principalmente na teologia e no meio jurídico, depois foi também colocada a serviço das ciências históricas.

Relacionada à arte da interpretação (*Deutung*), a hermenêutica tem como mito de origem a história de Hermes, cuja missão era a de traduzir as mensagens dos deuses aos humanos. E, para isso, ele precisava se desvencilhar dos desafios que uma tradução gera, no intuito de ser fidedigno à mensagem original e, ao mesmo tempo, tão claro quanto possível aos seus receptores. Ou seja, é tarefa da hermenêutica desvelar, compreender e interpretar¹.

Inicialmente, o esforço hermenêutico era o de voltar às fontes originárias, compreender adequadamente o que se corrompeu “por distorção, deslocamento ou mau uso”, a fim de recuperar “no mesmo sentido como se fosse o anúncio de uma mensagem divina, a interpretação de um oráculo ou de uma lei preceptiva”

¹O linguista francês Émile Benveniste questionou a etimologia da palavra com o mito de Hermes (GADAMER, 2002), entretanto, permanece usual a famosa referência.

(GADAMER, 2002A, p. 115).

A partir dessa concepção, a hermenêutica assemelha-se a um trabalho arqueológico, de escavação, descoberta e restauro da versão primeira, original. Mas, para além disso, “[...] a hermenêutica se impõe onde não há entendimento com os demais e consigo próprio” (GADAMER, 2002A, p. 213). Trata-se da faculdade prática de compreender (*Verstehen*), entender (GADAMER, 2002A). Relacionada aos sentidos atribuídos em cada situação, a hermenêutica se faz presente em todas as esferas da vida, daí sua universalidade.

Para Gadamer, a compreensão acontece no terreno intermediário dos envolvidos, onde há um sentido comum. Assim, ele destacou o lugar do “entremeio (*Zwischen*)” (1999) ou “*Entre*” (2002A). Apontou que o ser humano é pertencente a uma tradição que o envolve em “preconceitos fundamentais e sustentadores”, que lhe proporciona uma linguagem, um lugar de visão de mundo, familiaridades e estranhezas. Ele encontra-se “[...] entre a objetividade distante, referida pela história, e a pertença a uma tradição. Nesse *Entre* situa-se o verdadeiro local da hermenêutica” (GADAMER, 2002A, p. 79).

Quando Gadamer destaca o *Entre*, ele destaca também a “diferença insuperável entre o intérprete e o autor, diferença que é dada pela distância histórica” (GADAMER, 1999, p. 443). O leitor encontra-se inserido em uma época marcada por “um interesse pautado na coisa e onde também ela procura compreender-se a si mesma” (GADAMER, 1999, p. 443). O texto que se lê e interpreta não fica limitado à ocasionalidade do autor e do “leitor originário”, porque o sentido encontra renovação com a sucessão do tempo e a mudança de contexto de leitura. Ao invés da compreensão como ato reprodutivo, Gadamer entende que seja transformativo, e pondera que “[...] compreender é compreender-sempre-diferentemente” (GADAMER, 2002A, p. 15); espera-se que a partir do diálogo surja sempre algo novo.

1.1 Hermenêutica Filosófica

Embora Hans-Georg Gadamer tenha lido as *Investigações lógicas* de Edmund Husserl e também tenha tido a oportunidade de estudar com ele, foi a renovação de pensamento proposta por Martin Heidegger que mais provocou os caminhos reflexivos de Gadamer. Ele não se considerava um fenomenólogo. Também não se sentia confiante para denominar sua abordagem como uma filosofia, por

isso adotava o termo “hermenêutica filosófica”. Heidegger, entretanto, via ali uma “filosofia hermenêutica”.

Alguns autores cujas contribuições fundamentaram a Hermenêutica Filosófica foram: Platão, através dos diálogos socráticos; Aristóteles, pelo modelo da filosofia prática da *phronesis*; Heidegger, principalmente pela noção da facticidade no círculo hermenêutico. Gadamer encontra-se “postado metodicamente sobre um solo fenomenológico”. Inspirado em Heidegger, utiliza “o conceito ‘hermenêutica’ [...] como uma teoria da experiência real, que é o pensamento” (GADAMER, 1999, p. 25).

Em *Verdade e Método*, Gadamer (1999) discute sobre o lugar do método na ciência positivista moderna como um instrumento de captação da verdade. Entende que as ciências humanas dificilmente podem usar os mesmos referenciais das ciências da natureza, já que seus objetos de estudo são distintos. Sustenta que as ciências do espírito demandam outros recursos, que podem ser propiciados pela filosofia, pela arte e pela história.

Com a publicação do volume II de *Verdade e Método*, a intenção de Gadamer era a de aperfeiçoar os argumentos do primeiro volume, esclarecendo mal entendidos que a obra anterior havia deixado, facilitando o percurso daqueles leitores que poderiam dar continuidade ao trabalho por ele iniciado.

Fundamental é o entendimento de que compreendemos os fenômenos através de lentes de interpretação que estão situadas em uma época, um tempo. “A história é sempre conjuntamente significação e força” (GADAMER, 2002A, p. 42). Segundo Dilthey (citado por Gadamer, 2002A), cada época oferece uma ‘estrutura’ do tempo, uma forma de experimentação que influencia quem nasce e cresce dentro dela.

Heidegger oferece um olhar ontológico sobre o tempo, que passa a ser “o fundamento que sustenta o acontecer, onde a atualidade finca suas raízes. A distância de tempo não é, por conseguinte, algo que tenha de ser superado” (GADAMER, 1999, p. 445). Pelo contrário, é a distância temporal a facilitadora da “decantação do sentido verdadeiro” (GADAMER, 2002A, p. 80).

De acordo com Heidegger (citado por Gadamer, 2002A), compreender a historicidade da presença (*Dasein*, normalmente traduzido por ser-aí em português) implica em compreender que, ao contrário dos objetos da ciência da

natureza, o humano não está dado, como um pacote fechado; mas lançado, vulnerável e oscilante, em constante intercâmbio com o seu lugar e tempo. “Há uma história do mundo somente por que esta pre-sença temporal do homem ‘tem um mundo’. Há uma cronologia somente por que a própria pre-sença histórica do homem é tempo” (GADAMER, 2002A, p. 45).

Gadamer (2002A, p. 60) entende que, para Heidegger, “a verdade precisa ser arrebatada da ocultação (*Verborgenheit*) e do velamento (*Verhohlenheit*)”. A busca de verdade (*Veritas*), ou seja, a desocultação (*Aletheia*) é uma tarefa constante, pois tanto a natureza quanto as coisas, os seres humanos, suas ações e até suas falas se anunciam ao mesmo tempo em que encobrem.

“O ‘acontecimento’ da verdade que forma o espaço de jogo do desocultar e ocultar conferiu um novo caráter ontológico a todo desocultar [...]. Isso possibilitou a formulação de uma série de novas perguntas à hermenêutica tradicional” (GADAMER, 2002A, p. 126).

Gadamer (1999; 2002A) explica que na hermenêutica perde-se de vista onde é o começo ou o fim. Inicia-se por onde se está, ou seja, da situação hermenêutica. Citando Heidegger, Gadamer (1999; 2002A) reforça que o objetivo primeiro e último é manter-se atento nas coisas elas mesmas para propiciar o desocultar. O intérprete realiza um projeto, uma vez que projeta o sentido do todo a partir de seus pressupostos. A compreensão sofre revisões, pois a expectativa (opiniões prévias) pode propiciar ou não a correspondência com o que se mostra em cada ocasião. As revisões, portanto, podem gerar novos projetos de sentido. Assim, a interpretação consiste na sucessiva substituição de conceitos por outros, cada vez mais adequados, com o propósito de “superar completamente as errâncias que atingem o processo do intérprete, a partir de sua própria posição” (GADAMER, 2002A, p. 75). O compreender é um constante projetar de novo e que não ocorre de modo aleatório, tampouco desvinculado daquele que o realiza.

O círculo [...] não é nem objetivo nem subjetivo, descreve, porém, a compreensão como a interpretação do movimento da tradição e do movimento do intérprete. A antecipação de sentido, que guia a nossa compreensão de um texto, não é um ato da subjetividade, já que se determina a partir da comunhão que nos une com a tradição (GADAMER, 1999, p. 439).

Do latim *tradere*, a palavra tradição está relacionada à transmissão, do ato de passar algo adiante, de geração a geração. Gadamer (1999) alerta que nunca conseguimos escapar da tradição, pois somos constituídos e estamos inseridos nela.

A comunhão com a tradição está em contínua formação. Compreender pressupõe participar do acontecer da tradição. Com Heidegger e sua “hermenêutica da facticidade”, o círculo da compreensão substitui a disciplina “metodológica” por uma dimensão ontológica.

Apoiando-se em Heidegger, Gadamer (1999; 2002A) propõe que a compreensão é guiada por “expectativas de sentido transcendentais, que brotam da relação com a verdade do que se tem em mente [...] extraídas de nossa própria relação para com a coisa” (GADAMER, 2002A, p. 78). O entendimento é orientado por ideias antecedentes (preconceitos) e pela “concepção prévia da perfeição”. Isso “significa que só é compreensível aquilo que realmente apresenta uma unidade de sentido completa” (GADAMER, 2002A, p. 77).

Partindo da relevância central da finitude preconizada por Heidegger, Gadamer (2002A) afirma a inconclusividade de todo compreender, de toda experiência de sentido.

No desenrolar do processo do círculo hermenêutico, a pré-compreensão do intérprete é modificada e também o sentido do texto pode superar a ideia original do seu autor. Na medida em que o fenômeno atinge patamares cada vez mais adequados de interpretação, dizemos que foi desenvolvida uma espiral hermenêutica. E a cada volta na espiral será captado e interpretado um novo sentido. Entretanto, a compreensão completa e total nunca irá acontecer, pois todo conhecimento é provisório, incompleto, satisfatório para o momento, mas insuficiente em momento posterior.

De acordo com Gadamer (2002A) o conhecimento não é um acúmulo quantitativo, mas progressivo, e que por vezes nos exige “abrir mão de certas verdades” em prol de outras. O que ele quer dizer com isso, é que “estamos sempre presos nos limites de nossa situação hermenêutica [...] limitados por preconceitos” (GADAMER, 2002A, p. 65).

Surpreendendo as expectativas, uma vez que a hermenêutica já havia assumido a posição de teoria metodológica, a Hermenêutica Filosófica, ao contrá-

rio, propôs “a tentativa de um acordo sobre o que são na verdade as ciências do espírito, para além de sua autoconsciência metódica, e o que as vincula ao conjunto da nossa experiência do mundo” (GADAMER, 1999, p. 34). Nessa prática não cabem regras específicas ou tentativas de previsões, mas a compreensão singular e histórica dos fenômenos. Gadamer (2002A) entendia que a reflexão hermenêutica deveria partir da práxis. Para levar adiante essa proposição, utilizou a análise aristotélica da *phronesis*.

1.2 Filosofia Prática, *Phronesis*

Aristóteles desenvolveu o conceito de *phronesis* como um modo de saber. Refere-se à práxis humana, ao “conjunto das coisas práticas e, portanto, toda conduta e toda auto-organização humana nesse mundo” (GADAMER, 2002A, p. 375). Relacionada à moralidade, o saber prático propicia a reflexão do que é considerado adequado ou não em cada circunstância.

[...] o princípio é a facticidade [...]. Trata-se da factualidade das crenças, valorações, usos partilhados por todos nós; é o paradigma de tudo que constitui nosso sistema de vida. A palavra grega que designa o paradigma dessas factualidades é o conhecido termo *ethos*, o ser que se consegue com o exercício e o hábito (GADAMER, 2002A, p. 376).

Segundo Aristóteles (citado por Gadamer, 2002A), o *ethos* é um “fato prévio”, um ponto de partida. Guia a racionalidade prática que, portanto, não acontece de forma neutra. Gadamer segue essa premissa na hermenêutica e isso fica claro quando menciona que “aquele que busca compreender algo já traz consigo uma antecipação que o liga com o que busca compreender, um consenso de base” (GADAMER, 2002A, p. 367-368).

Gadamer (2002A) ressalta que o *ethos* é um ser-próprio, não é dom ou condicionamento, ou seja, não é natural ou treinado, tampouco consequência da conformidade. A racionalidade responsável, a *phronesis*, acontece a partir do *ethos* que compreende que viver em sociedade pressupõe coabitar um mundo comum de convenções. Isso “[...] significa estar de acordo e dar validade a esse acordo. Não significa a exterioridade de um sistema de regras impostas de fora, mas a identidade entre a consciência individual e as crenças representadas na consciência dos outros” (GADAMER, 2002A, p. 377). É um acordo racional

coerente de uma consciência individual que pactua com uma consciência coletiva.

2 A linguagem e a linguisticidade da experiência humana do mundo

Citando Wilhelm von Humboldt, um linguista prussiano que ofereceu importantes contribuições para a moderna filosofia da linguagem, Gadamer (1999) aponta “as línguas como produtos da ‘força do espírito’ humano. [...] como uma determinada aceção do mundo” (GADAMER, 1999, p. 638).

“Precisamente o que caracteriza a relação do homem com o mundo, por oposição à de todos os demais seres vivos, é a sua *liberdade face ao mundo circundante*. Essa liberdade inclui a constituição linguística do mundo” (GADAMER, 1999, p. 644). Com isso, temos não só uma multiplicidade de línguas diversas como também a variabilidade do dizer, que pode ser realizado através de diversos formatos. E justamente esse constante desenvolvimento da linguagem demarca seus limites e finitude.

Gadamer (1999) esclarece que a linguagem não é apenas um meio de comunicação e expressão, é o “modo de ser” de existir humano, que se instala no mundo desde e graças à linguagem. Não existe realidade fora da linguagem, já que toda experiência do mundo ocorre nela.

Segundo Gadamer (1999) a “linguagem nos fala” através da tradição, sendo, “ao mesmo tempo apropriação e interpretação”. O ser humano, embora se julgue agente, é reagente, lida com o “acontecer”, com “a ação da própria coisa” (GADAMER, 1999, p. 672). Para o autor, “[...] o verdadeiro acontecer só se torna possível, na medida em que a palavra que chega a nós a partir da tradição, e à qual temos de escutar, nos alcança de verdade, e o faz como se falasse a nós e se referisse a nós mesmos” (GADAMER, 1999, p. 669).

“Compreender implica sempre interpretar” (GADAMER, 1999, p. 581). Essa afirmativa se aplica tanto à interpretação científica quanto à reprodução artística ou à interpretação legal. Para Gadamer (1999), a execução artística pouco difere da compreensão de um texto. Cada representação ou execução é uma interpretação, tem o potencial de iluminar e de criar uma nova realidade. Por isso pode perguntar: “Não é a própria realidade o resultado de uma interpretação?” (GADAMER, 2002A, p. 391). Gadamer considera que o horizonte

de sentido é uma perspectiva da realidade, provisória e limitada.

“O intérprete deve superar o elemento estranho que impede a inteligibilidade de um texto” (GADAMER, 2002A, p. 405). Assume as funções de “intermediador do discurso”, “negociador”. É um mediador de sentidos que, uma vez alcançado seu objetivo, se retira, desaparece. Ao resolver “a tensão entre o horizonte do texto e o horizonte do leitor [acontece] a *fusão de horizontes*. Os horizontes separados como pontos de vista diferentes fundem-se num” (GADAMER, 2002A, p. 405).

Graças à sua linguisticidade, toda interpretação contém também uma possível referência a outros. Não existe falar que não envolva simultaneamente o que fala e o seu interlocutor. E isso vale também para o processo hermenêutico. [...] Compreender um texto significa sempre aplicá-lo a nós próprios, e saber que, embora se tenha de compreendê-lo em cada caso de uma maneira diferente, continua sendo o mesmo texto que, a cada vez, se nos apresenta de modo diferente (GADAMER, 1999, p. 579).

O exercício da compreensão implica na aceitação de que não existe uma versão única, ‘completa’, ainda que isso seja frequentemente almejado. Na perspectiva gadameriana a compreensão não é um método, mas um jogo entre o movimento da tradição e o movimento do intérprete, o que indica que o processo é sempre atravessado por pressupostos.

No processo comunicativo há o reconhecimento da figura do intérprete, que não é apenas um receptor que assimila passivamente o que recebe, mas um indivíduo mergulhado em uma tradição, que tem um horizonte de sentido em contínua negociação com o mundo. O intérprete se mistura àquilo que se propõe conhecer. Lê o texto conforme as condições do seu próprio contexto, de modo que seu passado interfere na leitura que faz do presente. Seu compreender é, ao mesmo tempo, possibilitado e limitado pelo horizonte hermenêutico no qual habita e se move. Compreende processualmente, com percepções suscetíveis à mudança. Absorve o todo a partir das partes e vice-versa. O diálogo genuíno acontece através da fusão de horizontes, pela contínua reelaboração e reinterpretação do que se mostra.

O próprio horizonte do intérprete é, desse modo, determinante, mas

ele também, não como um ponto de vista próprio que se mantém ou se impõe, mas antes, como uma opinião e possibilidade que se aciona e coloca em jogo e que ajuda a apropriar-se de verdade do que diz o texto. [...] descrevemos isso como fusão de horizontes. Agora podemos reconhecer nisso a forma de realização da conversação, na qual um tema chega à sua expressão, não na qualidade de coisa minha ou de meu autor, mas de coisa comum a ambos (GADAMER, 1999, p. 566).

Nessa perspectiva, compreender envolve um desvelar de um mundo possível, que transcende o objeto que se oferece à interpretação. O foco não está em encontrar algo dentro ou atrás do discurso, mas em criar uma fusão de horizontes: um campo de consenso na instalação de significados comuns entre o intérprete e o interpretado. A compreensão resulta desse encontro. Ou seja, Gadamer não considera que existe um significado em si, mas um jogo dialógico. O ouvinte somente compreende algo a partir de seu próprio sistema de significados, concepções, visões de mundo que são historicamente situadas (pré compreensões). Daí a importância do diálogo na construção de um consenso entre os interlocutores (GRANDESSO, 2011).

Compreender não significa assimilação passiva, ‘disposição neutra’, ‘omissão de si mesmo’. Pelo contrário, espera-se que o ouvinte/leitor conheça bem suas opiniões prévias e preconceitos e, estando próximo, mas não preso a eles, consiga oferecer espaço (abertura) para a chegada (compreensão) de outros posicionamentos. Faz-se importante conhecer quais condicionamentos estão presentes e influenciam o compreender, ou seja, “[...] colocar em jogo seus próprios preconceitos” (GADAMER, 2002A, p. 132).

Uma conversa pressupõe condições de igualdade. Se uma parte acredita estar em condição superior existe aí um empecilho, pois não há real abertura ao porvir do outro. É “[...] como se afirmasse possuir um conhecimento prévio dos preconceitos a que o outro se atém. Com isso, ele ver-se-ia trancado em seus próprios preconceitos” (GADAMER, 2002A, p. 141). Os preconceitos que não recebem a devida atenção agem despercebidamente e se tornam potenciais promotores de mal-entendidos, além de condicionarem as compreensões em jogo. A experiência hermenêutica, ou seja, aquela obtida por ocasião da interpretação, tradução ou compreensão, acontece

[...] quando vislumbramos os preconceitos ou desmascaramos subterfúgios que desfiguram a realidade. É ali que mais ‘compreendemos’. Então, quando vislumbramos algo que nos parecia estranho e incompreensível, quando o alojamos sob nosso mundo ordenado pela linguagem, então, finalmente, a coisa fica clara, como num árduo cálculo de xadrez onde só compreendemos a necessidade de alguma posição absurda na resolução final da partida (GADAMER, 2002A, p. 283).

2.1 O jogo dialógico

A partir do estudo do historiador holandês Huizinga, Gadamer (1999) correlacionou o conceito de jogo à experiência da arte, à compreensão e ao diálogo. Comumente o jogo recebe uma conotação lúdica, recreativa. Entretanto, o fato dele propiciar divertimento não anula a sua seriedade. Quando aquele que joga entra em jogo, passa a ter outro modo de se comportar. O jogador consente com a ordem que o jogo lhe estabelece. Aceita suas regras (limites) e, a partir deles, participa de um movimento repetido de vaivém. Quem entra em jogo “já não depende de si mesmo [...] se ajusta ou se submete ao jogo, isto é, recusa-se à autonomia da própria vontade” (GADAMER, 2002A, p. 154). O sujeito em questão não é a subjetividade dos participantes, mas o modo de ser do jogo em si.

Atraído pelo jogo, o jogador torna-se apoderado por ele, envolve-se em suas tensões e riscos. É necessário que o jogador confie, afinal, “todo jogar é um ser jogado” (GADAMER, 1999, p. 180). E justamente por causa destas tensões, é que o jogo também propicia sensações de leveza, alívio, conquista ou frustração.

Cada jogo propõe suas tarefas, seus objetivos, estabelece seu espaço e seu tempo. A partir de Huizinga, Gadamer (1999) lembra que, semelhante ao universo do sagrado, ao entrar em jogo, entra-se em “um mundo fechado, em oposição ao mundo dos fins, sem transição e sem intermediação” (GADAMER, 1999, p. 182).

Colocar-se em jogo demanda entrada e entrega a esse outro mundo, uma nova realidade. Jogar é representar. E mais, é representar para alguém. Nesse sentido, o espetáculo pode ser bem ilustrativo: “o representar de um espetáculo não quer ser entendido como uma satisfação de uma necessidade lúdica,

mas como um entrar-na-existência da própria poesia” (GADAMER, 1999, p. 195-196). Representar (jogar) é um trabalho de extração ou acontecer de uma verdade.

Deixar que os eventos e coisas nos aconteçam, ou seja, o “compreender, se dá num momento de desprendimento de si mesmo” (GADAMER, 2002A, p. 151). O que pode ser experimentado como “[...] leve liberdade de elevar-se sobre si mesmo. [...] Como formulou certa vez o historiador holandês Huizinga, a consciência daquele que está jogando encontra-se num equilíbrio indistinguível entre fé e falta de fé” (GADAMER, 2002A, p. 155). O jogar (compreender) é atravessado por um misto de agir e deixar-se agir. É um caminho cheio de incertezas que convivem com a coragem de colocar-se em risco.

Também o processo linguístico, que nos permite compreender uns aos outros, é um jogo, no qual participam palavras, gestos, expressões fisionômicas, silêncios; ditos e não ditos. Por isso, “[...] o jogo da linguagem [...] é o jogo mundano de cada um” (GADAMER, 2002A, p. 13).

Tanto no jogo quanto na compreensão, não é a subjetividade das partes envolvidas que é preponderante. “O si-mesmo dos indivíduos, seu comportamento e sua autocompreensão mergulham numa determinação superior que é o verdadeiro fator determinante” (GADAMER, 2002A, p. 154).

Portanto, *a compreensão é um jogo* [...]. Aquele que compreende já está sempre incluído num acontecimento, em virtude do qual se faz valer o que tem sentido. [...] para o fenômeno hermenêutico, se emprega o mesmo conceito do jogo que para a experiência do belo. Quando compreendemos um texto nos vemos tão atraídos por sua plenitude de sentido como pelo belo (GADAMER, 1999, p. 708, grifo nosso).

O jogo do compreender é fascinante e belo, tanto quanto também pode ser desafiador e assustador. A provocação e a perplexidade são convites ao pensar, ao compreender. Desenvolvendo o conceito de belo de Platão, Gadamer (1999) aponta que o belo é entendido como bem, incita a busca da verdade. Mas a verdade se encontra no acontecer, no qual, aparentemente estamos sempre atraídos, pois, quando achamos que a alcançamos ela já não mais o é.

Na aventura da compreensão, o ser humano se depara com a linguagem,

ensaia jogos e se vê participante de um “movimento de alternância viva” (GADAMER, 2002A, p. 156). O primeiro jogo de que tomamos parte é o da linguagem. Nele, “ninguém tem precedência. Cada qual está ‘envolvido’ e é ‘mão’ no jogo” (GADAMER, 2002A, p. 283).

Todo aquele que se propõe a conversar habita uma linguagem. O que é expressado no dizer da linguagem pressupõe um compartilhamento da linguagem e um esforço para alcançar o que é dito pelo outro nesse ambiente.

Na conversação entramos constantemente no mundo das ideias do outro, nos confiamos ao outro e ele se confia a nós. Assim, alternamos mutuamente o jogo até que tenha início *o verdadeiro diálogo, o jogo de dar e receber*. Não se pode negar que nesse diálogo verdadeiro se dê o que costumamos chamar de acaso, de *prazer da surpresa*, e por fim, também, de *leveza e enlevo*, que constituem parte essencial do jogo (GADAMER, 2002A, p. 157, grifos nossos).

Compreender é um jogo, do “dar e receber”. Existe ali a confiança que as palavras, expressões, ditos e não ditos lançados ao outro encontrarão compreensão. Isso, no entanto, implica na capacidade e abertura para o movimento vivo do dizer e escutar, dentro do qual tanto os pressupostos como os próprios objetos em questão entram em jogo.

2.2 A linguagem, seus acordos e compreensões possíveis

O ato de falar é “um jogo de imitação e de intercâmbio” (GADAMER, 2002A, p. 12). A aprendizagem da pronúncia das palavras ocorre pela repetição e imitação de uma tradição linguística, o que, por si só, constitui um horizonte de sentido compartilhado. Gradativamente, tornamo-nos moradores de uma língua. Entretanto, “só se pode alcançar competência na própria língua materna, ou na linguagem que se fala, onde se cresceu e onde se vive” (GADAMER, 2002A, p. 13). Alfabetizados por essa língua, é que mediamos uma visão de mundo. “Aquele que tem linguagem ‘tem’ o mundo” (GADAMER, 1999, p. 657).

A retórica é a arte de falar, a hermenêutica é a arte de compreender. Estão, portanto, estreitamente relacionadas e conduzidas pela linguagem. “A capa-

cidade de linguagem e a capacidade de compreensão possuem obviamente a mesma amplitude e universalidade. Podemos falar sobre tudo, e o que alguém diz deve, de princípio, poder ser compreendido” (GADAMER, 2002A, p. 354). Somos todos atravessados pelos esquemas de sentido recebidos pela língua materna, herdados de uma tradição.

[...] o verdadeiro falar é mais que a escolha dos meios para alcançar determinados objetivos de comunicação. A língua que dominamos é onde vivemos [...] O fato de ‘escolhermos’ as palavras é uma ilusão ou um efeito da linguagem criado quando o dizer sofre uma inibição. O dizer ‘livre’ flui na entrega abnegada à questão evocada através da linguagem (GADAMER, 2002A, p. 209).

Gadamer (2002A) aponta que a linguagem envolve três aspectos: 1) o esquecimento de si mesmo, 2) a ausência de um eu e 3) a universalidade. Isso porque 1) a fala acontece separada da consciência “de sua própria estrutura, gramática, sintaxe, etc.” (GADAMER, 2002A, p. 178). A fala é viva, simultânea ao pensar, não está tão atenta a si mesma: flui, se esvai. 2) Na linguagem não há um eu, existe um conteúdo a ser transmitido ao outro, um intercâmbio entre o eu e o tu. “Nesse sentido, o falar não pertence à esfera do eu, mas à esfera do nós” (GADAMER, 2002A, p. 179). Sua finalidade é alcançar a compreensão. 3) A linguagem é “oniabrangente”, carrega em si “uma infinitude interna” (GADAMER, 2002A, p.180-181). Sempre é possível dizer mais sobre um assunto, seja esclarecendo, seja renovando a forma de pensar e tratar. A universalidade da linguagem sinaliza a infinitude do diálogo, que pode eventualmente ser interrompido, mas que não precisa ser finalizado. Todo diálogo pode ser, a qualquer momento, retomado.

O problema hermenêutico não é, pois, um problema de correto domínio da língua, mas o correto acordo sobre um assunto, que ocorre no *médium* da linguagem. [...] Faz parte de toda verdadeira conversação o atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido de que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que diz. O que importa que se acolha é o direito de sua opinião, pautado na coisa, através da qual podemos ambos chegar a nos pôr de acordo com relação à coisa (GADAMER, 1999, p. 561).

Gadamer (2002A) cita a importância da disponibilidade em entender o outro, mas também alerta de que a pretensão de compreender antecipadamente limita a capacidade de escuta. A conversação é um acordo e, para tal, é necessário que os envolvidos estejam em sintonia.

Assim como na conversação, na tradução/interpretação, chega-se a um acordo de um lugar comum através do “intercâmbio de pareceres” que se mostre adequado tanto ao intérprete quanto ao autor original (GADAMER, 1999, p. 564).

O dito possui um “sentido multirrelacional” (GADAMER, 2002A, p. 182), dada a polissemia das palavras, bem como as entrelinhas que nem sempre são capturáveis pelo intérprete e/ou são passíveis de tradução. “Por isso, a tarefa do tradutor nunca deve [se limitar a] retratar o que é dito, mas colocar-se na direção do que é dito, isto é, no seu sentido, para transferir aquilo que deve ser dito para a direção de seu próprio dizer” (GADAMER, 2002A, p. 182).

Mas a fala nem sempre consegue corresponder ao que o interlocutor tem em mente e/ou ao seu potencial de prosseguimento do assunto. Desse modo, “todo dizer sempre acena para o espaço aberto de sua continuidade” (GADAMER, 2002A, p. 233); conseqüentemente, o traduzir exige antecipar sentidos e fixá-los explicitamente. Indo na contramão do sentido multirrelacional a tradução caminha para seu oposto, uma vez que “unidimensionaliza” o sentido (GADAMER, 2002A, p. 181). O esforço para ser fiel ao texto por vezes aprisiona o intérprete em uma imitação esvaziada e oca; quando, ao contrário, para ser efetivo em seu fazer, ele precisa se transportar para a posição do sujeito que diz.

“A linguagem não é um sistema de signos que agenciamos” (GADAMER, 2002A, p. 268), não é um instrumento ou ferramenta que pode ser deixado de lado após o uso. Não somos nós que a usamos, e sim, somos tomados por ela. Não somos autônomos em relação à linguagem, pois pertencemos a ela.

A linguagem [...] jamais se deixa alcançar plenamente. Todo pensar sobre a linguagem, pelo contrário, já foi sempre alcançado pela linguagem. Só podemos pensar dentro de uma linguagem e é justamente o fato de que nosso pensamento habita a linguagem que constitui o enigma profundo que a linguagem propõe ao pensar (GADAMER, 2002A, p. 176).

A linguagem, portanto, carrega e está situada em um contexto histórico, uma tradição à qual pertencemos. Um distanciamento em relação ao contexto e tradição implica num diálogo com aquilo que a linguagem guarda (preconceitos) e a sua estrutura lógica. Não há como compreender algo de fora da linguagem, ou de uma linguagem.

2.3 A Tradição é um atravessamento da Linguagem

Detentora da distinção do anonimato, a tradição se transmite como uma herança histórica, uma forma de autoridade coletiva que continua nos regendo mesmo após a conquista da maioria intelectual. A tradição proporciona uma forma de compreender, uma visão de mundo, “juízos [em que] se reconhecem verdades” (GADAMER, 1999, p. 31). O ser humano é envolvido por uma tradição, está em uma situação e possui um horizonte. A situação é “uma posição que limita as possibilidades de ver” (GADAMER, 1999, p. 452). Já o horizonte se refere ao alcance variável de visibilidade. A historicidade da existência humana nos mostra que não existe uma posição estática nem um horizonte totalmente fechado. “A elaboração da situação hermenêutica significa então a obtenção do horizonte de questionamento correto para as questões que se colocam frente à tradição” (GADAMER, 1999, p. 452).

Segundo Gadamer (1999), só podemos compreender porque possuímos um horizonte, o qual nos permite definir os limites da visão - sejam eles quais forem: alargados ou estreitos. Isso se conquista mediante o esforço de ultrapassar obstáculos e ir mais além.

Por isso, deve ser uma tarefa constante impedir uma assimilação precipitada do passado com as próprias expectativas de sentido. Só então se chega a ouvir a tradição tal como ela pode fazer-se ouvir em seu sentido próprio e diferente (GADAMER, 1999, p. 456).

A compreensão histórica, de eventos na história, normalmente consiste em ver o passado a partir de nossos próprios pesos e medidas. O ser humano cai naturalmente no equívoco de transpor seus preconceitos e padrões atuais para um lugar aonde eles não pertencem.

No entanto, os horizontes do presente e do passado estão em contínua interação, afinal, transitamos e pertencemos a ambos. Cada qual oferece uma distinção e um destaque à visão, e daí surgem tensões, principalmente em decorrência do questionamento dos preconceitos. “A tarefa hermenêutica consiste em não ocultar esta tensão em uma assimilação ingênua, mas em desenvolvê-la conscientemente. Esta é a razão por que o comportamento hermenêutico está obrigado a projetar um horizonte que se distinga do presente” (GADAMER, 1999, p. 458).

A tradição “é *linguagem*, isto é, fala por si mesma” (GADAMER, 1999, p. 528). Para aquele que esteja apto a escutá-la, ela se torna experiência hermenêutica. “A experiência hermenêutica tem de assumir, como experiência autêntica, tudo o que se lhe torna presente. Não é livre para eleger ou rejeitar previamente” (GADAMER, 1999, p. 671).

Em uma boa convivência humana importa experimentar o tu ou a alteridade como tal, e não como um objeto. Mas para existir esse tipo de vínculo é necessário abertura, reciprocidade, “poder-ouvir-se uns-aos-outros, [...] o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que o vá fazer valer contra mim” (GADAMER, 1999, p. 532).

Vivenciar a experiência hermenêutica significa dar abertura e com isso deixar que a tradição fale por si mesma o que tem a dizer. Isso é mais que “um mero reconhecimento da alteridade do passado” (GADAMER, 1999, p. 533). É também nesse processo que se concretiza a consciência da história efetual, no deixar que a tradição se converta em experiência aberta à pretensão da verdade.

[...] nossa compreensão histórica está sempre determinada por uma consciência histórico-efetual. [...] Já estamos sempre no meio da história. [...] nossa consciência é determinada por uma história efetual, isto é, por um acontecer real que não deixa nossa consciência livre ao modo de uma contraposição ao passado (GADAMER, 2002A, p. 169-170).

A história efetual influencia a compreensão, independentemente de seu reconhecimento ou não. “A consciência da história efetual é em primeiro lugar

consciência da *situação* hermenêutica. [...] Nós estamos nela, [...] nos encontramos sempre numa situação, cuja iluminação é a nossa tarefa, e esta nunca pode se cumprir por completo” (GADAMER, 1999, p. 451).

É relevante, pois, identificar as compreensões prévias, os preconceitos sustentadores que norteiam as compreensões. Essa identificação e consequente diálogo com elas permite o alargamento do entendimento tanto do passado quanto do presente, liberando o que acontece das subsunções que normalmente acontecem na compreensão inquestionada.

2.4 Interfaces entre os Preconceitos e a Linguagem

Toda compreensão possui um ‘caráter essencialmente preconceituoso’, uma vez que são eles, os preconceitos, a condição da compreensão. Desconsiderá-los acarreta em colocar-se à mercê deles, sujeitando-se ao que preconizam e tornando-se “surdos para a coisa de que nos fala a tradição” (GADAMER, 1999, p. 406).

Foi a partir do Iluminismo (*Aufklärung*) que o “preconceito” recebeu uma conotação negativa, de falso juízo. Gadamer (1999) destaca que o termo se refere a “um juízo (*Urteil*) que se forma antes da prova definitiva de todos os momentos determinantes segundo a coisa” (GADAMER, 1999, p. 407). Como um juízo prévio, ele pode receber um valor positivo ou negativo.

Gadamer (1999) distingue os *verdadeiros* preconceitos dos *falsos*. É a partir dos primeiros que a compreensão acontece, e é com os últimos que surtem os *mal-entendidos*. A compreensão se faz por meio da estrutura da pergunta, ou seja, “de abrir e manter abertas possibilidades” (GADAMER, 1999, p. 448). Isso não se alcança colocando-se ‘de fora’, se distanciando, como propôs Dilthey. Uma compreensão hermenêutica considera a própria historicidade, a história dos efeitos.

Para compreender nos envolvemos, articulamos os preconceitos que possuímos. “Heidegger caracterizou esse estado de coisas como círculo hermenêutico: compreendemos somente o que já sabemos; ouvimos somente o que colocamos na leitura” (GADAMER, 2002A, p. 46). Sempre já estamos em uma perspectiva, um ponto de vista de acordo com a proximidade ou distância das coisas, de modo que a compreensão acontece dentro desses limites.

Nesse processo compreensivo são obstáculos tanto a ação de se despir de si quanto o seu oposto, que é o enclausuramento nas próprias ideias e opiniões. Daí a importância de uma distância, um posicionamento acertado em seu círculo hermenêutico.

Segundo Gadamer (2002A), a compreensão hermenêutica tem pré-requisitos e o primeiro deles é a autocrítica, o colocar a si mesmo (suas verdades) em dúvida. Conhecer os preconceitos que regem a compreensão, suspender-lhes a validade absoluta. Ao invés de ser determinados por eles e enrijecidos ideologicamente, colocá-los em aberto, em questão. Refere-se à disposição para receber a mensagem que vem do outro, colocar em jogo os preconceitos, que podem ser abandonados ou reformulados. Satisfeitas essas condições, aí permitimos que a alteridade se apresente.

2.5 Conversação: a dialética da pergunta e resposta

Em um capítulo em que discute a verdade, em *Verdade e Método II*, Gadamer nota que “[...] não é o juízo, mas a pergunta que tem o primado na lógica” (GADAMER, 2002A, p. 67). A pergunta é uma forma de romper os bloqueios dos comodismo, do autoritarismo e do dogmatismo no conhecimento e na comunicação humana.

Pergunta-se para compreender, pela consciência de que não se sabe tudo. “Perguntar permite sempre ver as possibilidades que ficam em suspenso. [...] perguntar não é pôr, mas provar possibilidades” (GADAMER, 1999, p. 551). O ‘provar’ aqui não está em um sentido de ‘convencer’, ‘comprovar’, mas no de ‘experimentar’. É por isso que o ato de perguntar está estreitamente relacionado com a experiência hermenêutica.

Segundo Gadamer (1999), assim como a *Phronesis*, o perguntar não é uma técnica ensinável, “[...] é mais um padecer que um fazer” (GADAMER, 1999, p. 540). E refletir sobre o perguntar é um convite a pensar também sobre seu papel complementar, o responder. Mas a resposta não encerra a questão ou outras que poderão surgir. “A arte de perguntar é a arte de continuar perguntando; isso significa, porém, que é a arte de pensar. Chama-se dialética por que é a arte de conduzir uma autêntica conversação” (GADAMER, 1999, p. 540).

Segundo Gadamer (1999; 2002A), todo enunciado é motivado. Independente que se trate de uma afirmativa ou de um questionamento, o discurso tem um sentido de orientação que guia a sua continuidade. “Com a pergunta, o interrogado é colocado sob uma determinada perspectiva” (GADAMER, 1999, p. 534). O compreender implica não só em decodificar o enunciado posto, mas também as motivações ali presentes. E todo perguntar, assim como também Heidegger já escrevia em *Ser e Tempo* (2012), é orientado por um conhecimento prévio e, por isso, “toda pergunta é ela mesma uma resposta” (GADAMER, 2002A, p. 67).

Baseando-se em Platão, Gadamer (1999) cita que o saber é dialético, encontra-se entre possibilidades e carrega já sempre o potencial da contradição. “Saber quer dizer sempre: entrar ao mesmo tempo no contrário. Nisso consiste sua superioridade frente ao deixar-se levar pela opinião” (GADAMER, 1999, p. 538). Isso porque “opinião é o que reprime o perguntar. [...] a palavra que entre os gregos designava a opinião, *doxa*, significa ao mesmo tempo a decisão alcançada pela maioria na reunião do conselho” (GADAMER, 1999, p. 539). A opinião é o conteúdo que se afirmou, mas que carece de base sólida para conquistar a posição de verdade.

Para ultrapassar a opinião e alcançar o saber faz-se necessário perguntar, o que implica em reconhecer os próprios limites e se colocar em aberto para a resposta. Se não atender esses requisitos, não se trata de uma pergunta autêntica. Como exemplos contrários à pergunta autêntica, Gadamer (1999; 2002A) cita a pergunta pedagógica e a pergunta retórica. Na primeira não existe alguém que realmente esteja perguntando, que queira saber a resposta. Pergunta-se apenas para avaliar quem responde. Já na pergunta retórica, além de não existir quem pergunte, tampouco há algo perguntado, trata-se de uma afirmativa disfarçada de pergunta.

Para Gadamer (1999; 2002A), uma pergunta cuja motivação não está clara, obstaculiza a resposta. Na comunicação é importante compreender tanto o dito quanto aquilo que não é dito. O diálogo, portanto, se faz na dialética de pergunta e resposta. “A coisa (Sache) ‘suscita perguntas’” (GADAMER, 2002A, p. 13).

A compreensão consiste em correlacionar, dialeticamente, as respostas com suas perguntas. Diferente do pragmatismo americano cujo foco repousa na resolução de problemas, o interesse de Gadamer (2002A) sobre a pergunta e a

resposta está em sua função hermenêutica. “Ambas são *interpelação*” (GADAMER, 2002A, p. 68).

Segundo Gadamer (1999), embora seja usual dizer que “conduzimos” uma conversa, isso é uma expressão questionável, principalmente se estivermos tratando de uma ‘conversação autêntica’, na qual, o correto seria dizer que nela ‘chegamos’. Encontramos um ponto intermediário entre o eu e o tu e ali se fez um acordo.

Participar de uma conversa é estar como um parceiro do diálogo. Os envolvidos caminham no mesmo passo, orientados e guiados pelo que está em questão na conversa.

Requer não abafar o outro com argumentos, mas, pelo contrário, sopesar realmente o peso objetivo da opinião contrária. Por isso, é uma arte do ir experimentando. [...] Contra a firmeza das opiniões, o perguntar põe em suspenso o assunto com suas possibilidades. Aquele que possui a ‘arte’ de perguntar sabe defender-se do modo de perguntar repressor que a opinião dominante mantém. [...] *A dialética consiste não na tentativa de buscar o ponto fraco do que foi dito, mas, antes, em encontrar sua verdadeira força.* [...] [é] a arte de pensar que é capaz de reforçar o que foi dito, a partir da própria coisa (GADAMER, 1999, p. 541, grifo nosso).

Dialogar, na concepção gadameriana, é um jogo cooperativo em que os participantes são conduzidos pelo próprio jogo. Os interlocutores se esforçam por manter como guia aquilo sobre o que se conversa, através da abertura propiciada pela pergunta autêntica, que introduz num jogo que não pode ser decidido previamente ao próprio jogo.

Como uma palavra puxa a outra, como *a conversação dá voltas para cá e para lá*, encontra seu curso e seu desenlace, tudo isso pode ter talvez alguma espécie de direção, mas *nela os dialogantes* são menos os que dirigem do que os que *são dirigidos*. *O que ‘sairá’ de uma conversação ninguém pode saber por antecipação.* O acordo ou o seu fracasso é como um acontecimento que tem lugar em nós mesmos. [...] *a conversação tem seu próprio espírito e a linguagem que nela discorre leva consigo sua própria verdade* (GADAMER, 1999, p. 559, grifos

noossos).

Para além do assunto e linguagem comum que une os interlocutores, é esperado que exista uma condição de igualdade, parceria que propicie um acordo na expressão do tema, de modo que se torne ‘coisa nossa’ e, portanto, o diferente do que originalmente era. Essa possibilidade de consenso, de mútuo entendimento, é influenciado pelo vínculo estabelecido. Pois, segundo Gadamer, “onde não há vínculo, também não pode haver diálogo” (2002A, p. 139).

2.6 Solidariedade e Diálogo

Recuperemos a origem da palavra diálogo. O prefixo grego *dia* significa ‘através’, e *logos* é ‘conhecimento’, ‘razão’, ‘significado’, ‘linguagem’. Pode-se dizer, portanto, que diálogo é o significado que atravessa, e é permitir que a fala recebida nos toque e perpassa. O diálogo acontece por meio de uma linguagem comum que circula entre os participantes, implica na interação de duas ou mais ideias, entre duas ou mais pessoas. Uma parte que queira falar, outra parte que queira ouvir, intercaladamente. Ou seja, “[...] o diálogo se caracteriza também por não ser o sujeito individual, separado que percebe e afirma, o único a dominar o assunto, mas por alcançarmos participar da verdade e do outro pela partilha” (GADAMER, 2002A, p. 374).

Para Gadamer o diálogo é um fenômeno comunicativo potente, transformador, a que ele atribui proximidade com a amizade, terreno que é permeado pela disponibilidade, confiança, boa vontade, tolerância, solidariedade. E sua “presuposição básica é a de que se saiba ver o outro como outro” (GADAMER, 2002A, p. 249).

Embora Platão e Aristóteles tenham se dedicado a escritos sobre o tema da amizade, chama-nos a atenção a referência de Gadamer a Kant, que pouco tratou do assunto, mas que menciona que “um amigo verdadeiro é tão raro quanto um cisne negro” (KANT citado por GADAMER, 2002B, p. 77, tradução nossa).

Gadamer (2002B) cita o diálogo *Lísis*, em que Platão apresenta a conversa entre Sócrates e alguns jovens em um ginásio, numa discussão em que se indaga sobre o que torna alguém um bom amigo e no que consiste ser um bom

amigo. No decorrer do diálogo surgem alguns questionamentos: o primeiro deles é se a escolha do amigo significa a busca pelo semelhante a si mesmo. Mas logo percebem que isso não se sustenta, já que os amigos nem sempre compartilham convicções, inclinações ou interesses e, muitas vezes, buscam coisas diferentes um do outro. Finalmente, alcançam uma definição que amplia as duas anteriores, entendendo a amizade como a busca por um modelo que seja digno de admiração e carinho. Sócrates define a amizade verdadeira através do termo *oikeíon*, que significa ‘o próprio’, ‘o acostumado’, ‘o familiar’, ‘o estar em casa’. Assim como o clássico preceito de Sócrates, que apresenta o convite ao ‘conhece-te a ti mesmo’, também Platão aponta a necessidade do regresso a si mesmo como pré-requisito para a construção da amizade, a *Philautía*, o ‘amor de si mesmo’, a capacidade de concordar consigo mesmo antes de estar em convivência com o outro. Abre-se o espaço para a lealdade e solidariedade. E a solidariedade é uma ‘certa camaradagem’ que

[...] nos faz renunciar a certas coisas em uma determinada direção, em um determinado momento, a serviço de algum objetivo. Não é difícil ver como isso acontece em nossa sociedade, às vezes como uma vantagem, outras como um defeito. E eu tenho minhas razões para mencionar a ambiguidade neste momento (GADAMER, 2002B, p. 86, tradução nossa).

Embora sinalizando contradições, Gadamer (2002B) referencia a verdadeira solidariedade com o termo grego *philía*, apresentado na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, e que foi traduzido com os significados de ‘amizade’ e ‘amor’. Refere-se a ‘boa vontade’, abertura, esforço de querer compreender e contribuir.

Esbarramos aqui em um desafio relacional da atualidade. Talvez faltem-nos as condições facilitadoras de um bom diálogo. Há uma superabundância de bocas (e dedos) e uma escassez de ouvidos. O resultado é que temos mais controvérsias que conversas.

A verdadeira realidade da comunicação humana é o fato de o diálogo não ser nem a contraposição de um contra a opinião do outro e nem o aditamento ou soma de uma opinião à outra. O diálogo transforma a ambos. O êxito de um diálogo dá-se quando já não se pode recair no dissenso que lhe deu origem. Uma solidariedade ética e social só

pode acontecer na comunhão de opiniões, que é tão comum que já não é nem minha nem tua opinião, mas uma interpretação comum do mundo. Tudo que é justo e se considera como justiça exige, por sua natureza, essa comunhão que se instala na compreensão recíproca das pessoas (GADAMER, 2002A, p. 221).

Considerações finais

O modo de ouvir que Gadamer (2002) coloca em questão é aquele que mostra ‘boa vontade’ de compreender. É uma postura que ocorre mediante a abertura, da aceitação do convite de ouvir: de se desembaraçar de si mesmo, refletir sobre seus pressupostos e rever os preconceitos para melhor entender o que vem do outro e da ocasião. É o ouvir que se presta a acompanhar, cooperativamente, a fala do outro; é a escuta que alcança sua compreensão e oferece sua participação, sua resposta.

O diálogo preconizado por Gadamer demanda “abertura para que o fio da conversa possa fluir livremente”, acontecendo na movimentação espontânea “viva da pergunta e da resposta, no dizer e deixar-se dizer” que atinge “a profundidade da comunhão humana” (GADAMER, 2002A, p. 244). Como se trata de uma atividade compartilhada, o resultado esperado é o equilíbrio de forças, a chegada a um acordo, a um ponto comum, o que não significa consenso. Embora o diálogo resulte em uma comunhão, ele não tem como pré-requisito que seus participantes comunguem das mesmas ideias ou posicionamentos.

Se compreender é um jogo, do ‘dar e receber’, ficam alguns questionamentos: temos nos esforçado para o equilíbrio destas atitudes? Quando entramos em conversa, quais são nossas motivações (a compreensão recíproca, a comunhão ou a mudança de opinião e obediência alheias)? A linguagem por nós utilizada se refere a qual jogo: cooperativo ou competitivo? Estamos disponíveis a acordos e a construção de um universo comum que possibilite que surja algo novo? Como vimos, para Gadamer a linguagem não pertence à esfera do ‘eu’, mas à esfera do ‘nós’. A linguagem autoriza a multiplicidade, a polissemia. E que se continue dizendo, conversando, com boa vontade e solidariedade, dialogando com os preconceitos que constituem nossa autocompreensão e, assim, abrindo espaço para as alteridades e diferenças.

Referências

- GADAMER, H-G. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GADAMER, H-G. *Verdade e Método II*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002A.
- GADAMER, H-G. *Acotaciones hermenêuticas*. Traducción de Ana Agud y Rafael de Agapito. Colección Estructuras y Procesos, Série Filosofia. Madrid: Editorial Trotta, 2002B, p. 67-88.
- GRANDESSO, M. A. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas, SP: Ed. Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

Recebido: 29/07/2022

Aprovado: 10/08/2022

Publicado: 31/08/2022

